



A CARTILHA CAMINHO SUAVE: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ICONOGRAFIA

Gustavo Cunha de Araújo*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
doryus2000@yahoo.com.br

Sônia Maria dos Santos**
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
soniam@ufu.br

RESUMO: A presente pesquisa visa analisar a importância e o papel das imagens em impressos didáticos de materiais destinados a alfabetização, cujo objetivo específico se concentra em compreender as mensagens visuais encontradas na cartilha Caminho Suave, produzida inicialmente na década de 1930. Destacar a imagem nos meios didáticos é uma forma de revelar a importância que estas tiveram e ainda têm na educação, tanto no sentido metodológico como teórico. Sabemos que hoje em dia, os materiais didáticos incluindo desde livros até meios mais modernos constituem importantes meios para o processo de constituição da alfabetização. As imagens são elementos necessários para o desenvolvimento cognitivo do aluno. A associação entre a utilização da imagem e o objeto do conhecimento no caso específico da alfabetização é tão antigo quanto ao próprio dilema do processo de aquisição da escrita e da leitura pela criança. As pesquisas desenvolvidas pelo NEIAPE E NEPHE, ambos núcleos da UFU, estão sendo de grande importância uma vez que tem nos auxiliado a entender a importância das imagens que apareceram nos livros didáticos, bem como seu contexto histórico e como também sua relevância os autores desses livros, que continuam a utilizar imagens cada vez mais sofisticadas nos impressos dessa natureza. Acreditamos que o cruzamento de fontes impressas (iconográficas) das cartilhas, folhas mimeografadas utilizadas pelas alfabetizadoras, aliados a fonte oral, podem ser significativos para esta investigação. As narrativas poderão auxiliar as análises e reflexões sobre os usos dessa cartilha em Uberlândia, cidade que compõe o Triângulo Mineiro interior do estado de Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Cartilhas – Alfabetização – Imagem – Narrativa

ABSTRACT: The research present seek to analyze importance and the part of images in didactic printed devoted the alphabetization, whose purpose particular centralize to comprise the images in didactic book Caminho Suave, produced in decade 1930. The image to detach in didactics means is the appearance importance to reveal which these have in education, in the meaning methodological how theorist. Nowadays didactics materials to consist of importance means to alphabetization. The images are importance elements to development student. The association between image and alphabetization is so

* Acadêmico do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia e bolsista PIIBIC/UFU de Iniciação Científica/NEIAPE/NEPHE/UFU.

** Professora Doutora Adjunto III da FACED/NEIAPE/NEPHE/UFU – orientadora.

ancient when the writing and reading to children. The researches development by NEIAPE and NEPHE, both of UFU, are on big importance because in the help to understand the images importance showed in didactics books, your historic context and the influence on author these books, which to utilize images still in means didactics. Believe in which crossing on a wellspring of information (didactics books), means on alphabetization utilized and fountain oral, it's possible meaningful to this research. The narrative also to help our in reflections and analyzes on the application these didactics books on the Uberlândia, city of state Minas Gerais, from Brazil.

KEYWORDS: Didactics Books – Alphabetization – Image – Narrative

No mapeamento teórico, me deparo com vários estudos sobre a história da alfabetização em Minas Gerais, colocando-a em destaque com outras temáticas de pesquisas da história da educação. No que se diz respeito especificamente à alfabetização, esta área é pontuada por muitos estudiosos como sendo uma das áreas que mais enfrentam dificuldades relacionadas a varias questões que vão desde a escolha do material didático ao processo vivenciado no ensino e aprendizagem. As pesquisas sobre a produção de disseminação de livros didáticos pela história da educação, não têm conseguido responder sozinha todas as questões colocadas por esses pesquisadores e nem poderia uma vez as respostas não são encontradas em apenas uma área, há necessidade da contribuição de outras áreas do conhecimento as quais complementam nossa investigação.

O objeto central dessa investigação é a imagem da cartilha¹ e sua relação com o processo de alfabetização. Para nós e outros pesquisadores este objeto de estudo está inserido na fonte de documentos impressos, portanto já conseguimos vários exemplares os quais fazem parte do nosso acervo de memória iconográfica de cartilhas no período de 1930 a 1960. Acrescida a essa fonte importante, contamos neste estudo com a contribuição de alfabetizadoras que utilizaram essa cartilha a fim de analisar de forma mais especifica os modos de utilização dessa cartilha, pois quando narram suas histórias descrevem minuciosamente a relação que as mesmas tiveram com a cartilha bem como os modos de utilização da mesma. Entretanto, a pesquisa na história da educação sobre impressos atualmente, é extremamente rica, pois aos poucos, outros grupos de investigação têm se interessado por esta área, isso pode estar ligado ao fato de diversos historiadores entenderem e valorizarem os impressos como sendo uma importante fonte para a pesquisa na história da educação brasileira.

¹ Hoje em dia, a denominação cartilha tem sido designado como “livro didático” pelos profissionais da educação.

Nosso grupo, no entanto, busca desenvolver pesquisas entrecruzando fontes tradicionais já consagradas por pesquisadores experientes, mas não nos limitando a essas fontes estamos estudando e analisando outras fontes, já não tão novas. Em vista disso, escolhemos somar as fontes orais, a fonte iconográfica, que poderá nos ajudar a produzir reflexões e análises sobre o uso e importância da cartilha de alfabetização Caminho Suave na história da alfabetização em Uberlândia cidade do interior de Minas Gerais.

Através do levantamento bibliográfico e da análise das imagens da cartilha Caminho Suave, procuramos realizar reflexões teóricas e metodológicas a cerca da história da alfabetização em Minas Gerais, sem contar que tal investigação poderá ser somada a outras da mesma área, que abrange a história da alfabetização do povo mineiro buscando reconstituir parte da história da alfabetização deste estado. É uma forma de socializar e somar resultados de pesquisas, dando maior visibilidade e por que não pensar na oportunidade de trocar idéias com outros pesquisadores mineiros.

Esta cada vez mais comum o fato de nos sentirmos como garimpeiros a procura de uma pedra ou de pistas que nos levem aos nossos objetos de estudos. Não é novidade que quando iniciamos no campo da pesquisa nos depararmos com a falta ou mesmo a desorganização de documentos nos arquivos das escolas que poderiam auxiliar a produzir novas reflexões na tentativa de responder as questões colocadas inicialmente nesta e em outras investigações. A falta de documentos que registram memórias da educação nas escolas em geral é sem dúvida, um obstáculo para que estudiosos e pesquisadores obtenham informações a respeito de materiais didáticos, diários de classe, registros dos professores dentre outros.

Um fato importante que pode ser apontado como sendo um dos motivos para a ausência de arquivos nas escolas e órgãos públicos é dada pelo descaso dos técnicos burocratas com relação à concepção de preservação, memória e história da educação e do bem público esse descaso não se refere apenas ao estado de Minas Gerais, mas também ao Brasil de forma geral.

Isto pode estar relacionado com o que as escolas optam por “guardar” e essa opção tem variado de escola para escola como de estado para estado dependendo da formação do diretor. Para muitos diretores de escolas e secretários, se justificam e simplificam suas decisões no fato da utilidade e intensidade, se não é útil do ponto de vista pragmático, e somos sabedores das dificuldades que as escolas enfrentam com

relação a espaço físico, a decisão tem sido as mais variadas que vão desde as pequenas doações a um ou outro professor ao lixo. Jogar fora documentos das escolas é permitir que parte da história da educação e no nosso caso específico da alfabetização não sejam reveladas. Somos sabedores de que não é simples guardar esses arquivos, é necessário interagi-los com as pessoas.

Tenho acreditado que mesmo ou apesar das dificuldades encontradas nesta pesquisa “O livro didático”, no caso desse estudo a Cartilha, é a pedra do garimpo a ser lapidada, dessa forma de posse desse material, analisado com o auxílio das narrativas alfabetizadoras pode permitir resgatar parte da história da alfabetização vivenciada no município de Uberlândia e, porque não, da alfabetização no estado de Minas Gerais, pelo fato de que a cartilha deste estudo nos permite analisar as imagens, os textos bem como o contexto histórico e cultural em que foi produzida e disseminada.

Neste estudo denominamos de cartilhas, livros voltados exclusivamente para a aprendizagem da leitura e da escrita, temos como hipótese de a autora da Cartilha Caminho Suave utilizou a imagem como método de alfabetização, sendo a mesma pioneira uma vez que a autora optou por usar como recurso pedagógico a imagem visual e fez isso em todas as lições da cartilha.

Ao retornarmos no tempo histórico em que essa cartilha foi produzida nos deparamos com a ênfase dada aos materiais impressos nessa linha pelo regime militar e, até mesmo, na “Era Vargas”, através das políticas públicas para a leitura criada na época e, que aos poucos ficaram mais evidentes no período de 1930 a 1960.

A grande preocupação do Brasil nesta época foi com os livros destinados à literatura infantil. Como o país estava passando por uma modernização, a “[...] necessidade cada vez mais de mão-de-obra escolarizada fazia com que essas políticas fossem prioridades”.² Algo curioso nos estudos encontrados é que mesmo sendo prioridade do governo desse período e a grande escala em que foram produzidos e disseminados os livros didáticos não se originaram de políticas públicas. As editoras tinham o papel de produzir os livros didáticos, e o governo de adquiri-los.

Na década de 1930, a cartilha “Caminho Suave”, foi editada e disseminada em todo território brasileiro cuja função era alfabetizar as crianças, não importando se a

² CAPUCHINHO, Cristiane. O Problema da Alfabetização Não Está no Método, Está na Falta de Estrutura das Escolas. **Canal Acontece**, São Paulo, USP, 2006. Disponível em: www.noticias.usp.br/canalacontece/artigo.php. Acesso: Fev. 2006.

criança era “pobre” ou “rica”, atingia todos os níveis, da infância até a adolescência. Com o golpe político de 1964, a ditadura militar começava a se erguer, e o interesse pelos livros didáticos aumentava. Posteriormente, na década de 1980, parcerias foram criadas com a ajuda da iniciativa privada, como por exemplo, o “Programa Sala de Leitura e o Circulo do Livro”, mas um acontecimento importante marca o momento em que os livros didáticos no Brasil passariam por uma grande crise. Em 1985 a união dos Ministérios da Educação e da Cultura chega ao fim. Isto fez com que as iniciativas voltadas para a leitura passassem por dificuldades. Nesta mesma década, a cartilha Caminho Suave foi co-editada com a Fundação Nacional de Material Escolar, no Ministério da Educação e Cultura, dentro do Programa do Livro didático/Ensino Fundamental da época.

Neste contexto de políticas públicas descontínuas sobre livros didáticos e arquivos públicos descobrimos duas possíveis datas com relação à primeira produção da cartilha Caminho Suave, alguns historiadores afirmam que a referida cartilha surgiu na década de 1930,³ outros afirmam que foi na década de 1950⁴ e, até mesmo, há outros que a datam no ano de 1940. Em vista desse descompasso, adotaremos neste estudo o período de 1930, devido o fato de o país estava passando por um período de modernização nos campos político e educacional e, tendo o livro didático adquirido grande importância nesta época.

Entretanto é interessante mencionarmos que essas possíveis datas do surgimento da cartilha Caminho Suave podem estar relacionadas com o início de sua utilização e disseminação em determinadas regiões do país, ou seja, algumas regiões podem ter utilizado esta cartilha primeiro ou depois de outras regiões, tendo como principal influência o estado de Minas Gerais.

O nosso interesse em investigar a história, os seus modos de uso e a sua escolha pelas alfabetizadoras, da cartilha Caminho Suave, é uma tentativa de explicitar a história da alfabetização escrita com o auxílio da cartilha. Outra questão que nos instiga é analisar quais as metodologias foram apropriadas pelos autores das cartilhas e como

³ Cf. ALMEIDA, Marina. Políticas Públicas Para Leitura Foram Mais Eficazes Nos Períodos Autoritários da História do Brasil. **Canal Acontece**, São Paulo, USP, 2006.2006, Disponível em: www.noticias.usp.br/canalacontece/artigo.php. Acesso em: Jan. 2006.

⁴ Cf. FRADE, Isabel Cristina A. S.; MACIEL, Francisca Izabel P. (Orgs.). **História da Alfabetização: Produção, Difusão e Circulação de Livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2006.

foram exploradas nas salas de aula e o porquê das escolhas das alfabetizadoras em usarem esta cartilha no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido Mortatti afirma que as primeiras cartilhas brasileiras produzidas foram nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, cuja opção didática era o método sintético. Minas Gerais também se mostrou como importante lócus de editoração de materiais didáticos ligados ao campo da alfabetização. Encontramos na produção do CEALE/UFMG (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), investigações que tiveram como objeto de pesquisas cartilhas inseridas na história da educação de Minas Gerais.

Com a expansão do mercado editorial brasileiro, aliado a circulação e produção do livro didático cada vez mais presente no cotidiano das escolas públicas bem como as mudanças advindas da história social, tais como: a revolução das produções de imagens e o surgimento da imagem impressa (gravura em madeira, entalhe, gravura em água-forte, etc.), durante os séculos 15 e 16, aliados ao surgimento da imagem fotográfica, nos séculos 19 e 20, fez com que o aumento do número de imagens disponíveis as pessoas comuns, se deve muito a estas revoluções.

Para Belmiro,⁵ a presença da imagem em livros didáticos de língua portuguesa não foi bem aceita por alguns professores, mesmo tendo conhecimento que estas “mensagens visuais” estão ocupando e conquistando cada vez mais um espaço que prioriza a linguagem verbal. A não aceitação das imagens pode estar ligada à falta de preparação dos docentes em não saber utilizá-las em sala de aula como recurso pedagógico de maneira adequada. A pesquisadora nos fala ainda que é muito importante e necessário que todos os docentes se qualifiquem para poderem discutir este tema, procurando novas formas de leitura que possa ser crítica e criativa, como as imagens. Neste caso, a importância de se conhecer a “gramática visual” se mostra fundamental.

Atualmente, historiadores estão recorrendo às imagens como fontes mais seguras de investigação, principalmente quanto ao seu uso como evidência histórica, pelo fato de poderem testemunhar épocas e lugares em que foram utilizadas. Nesta pesquisa, buscamos auxílio na história social para nos dar subsídios teóricos para compreendermos o papel e a escolha das imagens contidas na cartilha Caminho Suave, a fim de refletir sobre as escolhas do autor e como essa escolha influenciou as

⁵ BELMIRO, Celia. Abicalil. As Imagens e suas Formas de Visualidades nos Livros Didáticos de Português. **Educação e Sociedade**, ano XXI, n. 72, p.11-31, ago. 2000.

alfabetizadoras nos seus modos de fazer e pensar a alfabetização, assim como entender o contexto social da época em que ela foi produzida.

Um cuidado importante é relativo às possíveis ambigüidades encontradas nas imagens, pois as mesmas podem ser “lidas” de diversas formas dependendo dos objetivos e aportes teóricos. É também devido a este fato, que a história social vem nos enriquecer com descobertas a respeito da linguagem visual, nos orientando em análises e possíveis respostas a respeito do objeto deste estudo. Entretanto, deve-se levar em conta que também existe a ambigüidade nos textos, especialmente quando são traduzidos de uma língua para outra. O que não é o caso da cartilha desse estudo em específico uma vez que a mesma foi escrita na nossa língua. As imagens também podem ser traduzidas, uma vez que podem ser adaptadas para uso em um ambiente diferente do que foi inicialmente idealizado, ou seja, parafraseando Burke,⁶ elas podem ser adaptadas para uso em uma cultura diferente. Neste contexto, os historiadores não devem se limitar a simplesmente uma fonte de investigação, mas utilizar as imagens associadas a outros métodos de investigação.

Para Burke as imagens possuem evidência histórica. Nos últimos anos, vários historiadores têm se interessado pelo estudo das imagens pelo fato de poderem encontrar nelas, uma forma de transmitir informações que abordam temas políticos, econômicos e sociais e, também, do cotidiano das pessoas e da própria história cultural. Burke fala da dificuldade que temos para analisar as imagens uma vez que fomos educados para investigar textos escritos. Mesmo assim, muitos pesquisadores têm utilizado no Brasil e no mundo, à evidência das mensagens visuais em seus estudos, pois documentos escritos podem ser escassos ou inexistentes nas épocas em que seus olhares eram voltados para a investigação de textos escritos no passado, para Burke uma pesquisa depende de variadas fontes.

Tradicionalmente, os historiadores têm se referido aos seus documentos como ‘fontes’. É certamente impossível estudar o passado se a assistência de toda uma cadeia de intermediários, incluindo não apenas historiadores, mas também os arquivistas que organizaram os documentos, os escribas que os escreveram e as testemunhas cujas palavras foram registradas.⁷

⁶ BURKE, Peter. **Testemunha Ocular; História e Imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004.

⁷ Ibid., p. 16.

Em vista disto, os conteúdos das cartilhas nos oferecem indícios de uma cultura escolar, principalmente se relacionadas às imagens inseridas nestes impressos no nosso caso a cartilha Caminho Suave, que utiliza imagens que deveria representar uma palavra, um texto, um tema. Concordamos com Burke quando afirma que os aspectos culturais abordados em determinadas imagens “passam” a ser detentoras de sentidos e significados. Aspectos tais como os modos de transmitir, o conhecimento da nossa língua utilizando a cartilha, até hoje se mostra presente no âmbito escolar. No que se diz respeito então, na história da alfabetização no Brasil, podemos afirmar que a cultura escolar no período de 1930 a 1960 sofreu pequenas mudanças, “[...] com relação ideologias políticas ou pedagógicas dominantes”.⁸

Quando afirmamos que a cartilha é, também, um objeto cultural, estamos nos remetendo a um material que não apenas desenvolvia as habilidades de leitura e escrita, mas nos trazia informações sobre a cultura e as belezas do Brasil através de imagens. É neste sentido que, a imagem também, é detentora de significados e valores. Entretanto, temas como a história do Brasil, eram contados de forma fragmentada nos livros didáticos da época da nossa República. As informações remetiam desde tradições tupiniquins, passando pelas lutas políticas até chegar à proclamação da república. Para Oliveira e Souza “[...] ao se prestarem a contar a história do Brasil em forma de discurso pedagógico, os autores de livros de leitura a reduziram e simplificaram, estabelecendo com isso suas próprias concepções de história nacional”,⁹ gerando por fim, uma opinião própria do autor. Importante também mencionar, é que os termos “livro de leitura”, “livro didático” e “cartilhas” são, praticamente, o mesmo impresso didático, mas que assumiram nomes diferentes e optaram por diversas metodologias ao longo da história da alfabetização no Brasil, nas épocas em que foram produzidos.

Dessa forma, se sabemos que os impressos podem ter registrado um ponto de vista cultural e escolar de uma época, os historiadores que usam bastante estes documentos devem estar atentos a outras possíveis possibilidades do uso da imagem, assim como a importância de convenções visuais que eram aceitas como naturais numa determinada cultura ou gênero de tal época. Entretanto, Barros afirma que a própria

⁸ MORTATTI, Maria do R. L. Cartilha de Alfabetização e Cultura Escolar: Um Pacto Secular. **Caderno Cedes**, Unicamp, ano XX, n. 52, p. 50, nov. 2000.

⁹ OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. de.; SOUZA, Rosa Fátima de. As Faces do Livro de Leitura. **Caderno Cedes**, Unicamp, ano XX, n. 52, p. 35, nov. 2000.

escola produz imagens: “[...] basta lembrarmos das gravuras, dos desenhos, das fotografias que ilustravam os textos e ainda ilustram, em nossos livros didáticos”.¹⁰ Estas imagens, segundo ele, nos remetiam a um “contar histórias”, onde a interação entre o livro didático e o aluno, se mostrava cada vez mais presente na escola.

Desde o final do século XIX, já existiam livros de leitura com imagens no Brasil, pois já era datados livros nesta época com capas coloridas e, no seu conteúdo interno, figuras referentes aos assuntos neste material tratados. A partir deste momento, pode ter surgido uma pretensão à utilização de imagens em futuras cartilhas de alfabetização, às vezes devido ao interesses da editora, do autor ou do próprio estado ou governo. O mercado editorial desta época obedecia a certas “normas” impostas pela república para a produção e circulação nacional de tais impressos. O livro didático já não “ditava” sozinho a aula, onde a literatura escolar da época passou a ser influenciada por estas normas, pois segundo Oliveira e Souza:

[...] trata-se de verdades preestabelecidas e inquestionáveis que, alimentadas em uma ideologia positivista, retratam uma preocupação com a transformação do homem dentro de uma nova sociedade moderna.¹¹

Há livros didáticos que possuem uma maior amplitude e difusão não apenas em uma região, mas em quase toda a nação. Este é o caso da cartilha Caminho Suave. Acreditamos que isso se deve ao fato da opção da autora em utilizar na cartilha à concepção de alfabetização do método sintético e a influência que a editora da cartilha teve no estado de Minas Gerais bem como no próprio governo.

As cartilhas de alfabetização que utilizaram o método sintético (silábico), como a Caminho Suave, podemos afirmar que o objetivo era que a leitura fosse ensinada, baseado na associação de letras aos seus nomes, somado a alguma imagem que representasse mesmo que de forma aleatória a letra a ser estudada. Após reunir as letras em sílabas e conhecendo suas famílias silábicas, ensinava a ler palavras formadas com as mesmas sílabas e letras e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas sem sentido. O método sintético “partia das partes para o todo”, isto é, da síntese para a

¹⁰ GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo. (Orgs.). **História da Educação em Perspectiva: Ensino, Pesquisa, Produção e Novas Investigações**. Uberlândia: Edufu, 2005, p. 121.

¹¹ OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. de.; SOUZA, Rosa Fátima de. As Faces do Livro de Leitura. **Caderno Cedes**, Unicamp, ano XX, n. 52, p. 36, nov. 2000.

análise. Tal método implicava em memorização e repetição do exercício. Muitos autores acreditavam que através das imagens, o ensino se tornava rápido e simples.

Para Mortatti, “[...] a partir dos anos de 1930, as cartilhas passam a se basear em métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa)”¹² porém, a cartilha Caminho Suave não fazia parte deste grupo. Em vista disto, o método empregado nas cartilhas passava a ter segunda importância, pois parafraseando Mortatti, o jeito de ensinar dependia da criança e da didática utilizada e, também das questões de ordem psicológica. No entanto, é uma afirmação que levanta uma questão importante: será que nesse período, por volta dos anos trinta, as alfabetizadoras tinham consciência de orientações do tipo “ordem psicológica?”. Nosso grupo de estudos e pesquisas não acredita que em 1930 o método empregado nas cartilhas passou a ter menos importância como afirmou Mortatti.

Nesse contexto, o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita via cartilha passam a ser concebidas como habilidades “visuais”. Estas, portanto, nos faz pensar na possibilidade do uso de imagens na sala de aula e, que estariam relacionadas a um único meio de divulgação destas imagens, no âmbito escolar da época: a cartilha de alfabetização.

Na década de 1980, segundo Mortatti, os métodos e as cartilhas passam a ser questionadas e discutidas pelo fato da grande disseminação destes impressos entre os educadores que seguiam o construtivismo. Embora haja alfabetizadores que alegam não terem utilizado as cartilhas, achando que dessa forma se afirmavam enquanto construtivistas, nas pesquisas de Santos¹³ ela revela que apesar de se dizerem construtivista muitas alfabetizadoras brasileiras “dizem” que utilizam este impresso apenas como uma forma de orientação para planejar suas aulas. O que na verdade, não deixaram de utilizar os métodos empregados pelas cartilhas de alfabetização inclusive nos dias de hoje. É uma experiência que pode ser vista por muitos professores que foram alfabetizados pelas cartilhas e, que levam esta vivência do contato com o impresso para dentro da sala de aula. Para Santos, esta influência da cartilha de

¹² MORTATTI, Maria do R. L. Cartilha de Alfabetização e Cultura Escolar: Um Pacto Secular. **Caderno Cedes**, Unicamp, ano XX, n. 52, p. 45, nov. 2000.

¹³ SANTOS, Sônia Maria Dos. **Histórias de Alfabetizadoras Brasileiras: entre Saberes e Práticas**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

alfabetização estaria relacionada aos seus modos de pensar e de fazer alfabetização na época.

A interpretação e estudo de mensagens visuais é conhecida, desde seu surgimento na história da arte dos anos 1930 e 1940, como “iconografia” ou “iconologia”, que vem se aprofundando cada vez mais no que se diz respeito aos estudos das imagens por historiadores e, que nos servem como subsídios para podermos analisar as imagens nas cartilhas de alfabetização. Dessa forma podemos afirmar que as imagens são produzidas para se comunicar.

O estudo da iconografia também implica uma crítica do realismo fotográfico, pois diversos estudiosos e pessoas que trabalham com a fotografia, procuram na iconografia, subsídios para analisarem imagens fotográficas. Segundos os iconografistas (pessoas que trabalham com iconografia, estudam e analisam as imagens e não apenas pinturas, mas também figuras em um sentido mais amplo), não são feitas simplesmente para serem observadas, mas também para serem “lidas”. A idéia de leitura de imagens remonta a um longo tempo, desde a época da tradição cristã expressa pelos padres da igreja até os dias de hoje. A representação plástica visual muita ajuda a comunicação verbal. Entretanto, a relação da fotografia com as fontes orais assume grande importância, quando Barros nos afirma que:

Em pesquisas de História Oral, o recurso à fotografia é uma excelente estratégia porque desperta nos entrevistados sentimentos vivo sobre um tempo passado ainda presente, compondo vivamente sua identidade, trazendo as imagens uma rede de lembranças.¹⁴

Quando falamos que imagens precisam ser “lidas”, estamos dizendo que é preciso ter um conhecimento para ser analisar uma determinada imagem, que pode ser explorada de diversas formas, em seus mais diferentes meios de comunicação, ou seja, é importante estudar a “gramática visual”, que parcialmente, estamos nos baseando na iconografia. É necessário que saibamos inicialmente o significado e a importância do alfabetismo visual, pois a carência deste ainda se mostra presente na sociedade contemporânea. A semiótica, a sociologia e a psicologia são algumas das áreas do conhecimento que pode nos auxiliar a estudar e interpretar uma imagem. No caso desta

¹⁴ BARROS, Armando Martins de. Os Álbuns Fotográficos Com Motivos Escolares. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo. (Orgs.). **História da Educação em Perspectiva: Ensino, Pesquisa, Produção e Novas Investigações**. Uberlândia: Edufu, 2005, p. 127.

investigação, ocorre um estudo parcial de elementos de composição e de significados nas imagens da cartilha.

Sobre esse tema, Barros em **Pedagogia da imagem**, relaciona a cultura (visual) a educação. Segundo ele, quando estudamos a imagem na história da educação, estamos repensando e construindo a realidade da escola nas suas pesquisas históricas, como expressão de documentos construídos por sujeitos sociais. Diante disso, se existe o “analfabetismo visual”, é porque as pessoas poderiam se encontrar deparadas com imagens que se direcionam a um conjunto de comunicação multidimensional produtora de subjetividade, visto que a imagem, enquanto um campo da pedagogia cultura escolar visual, contém vários fatores de representação (daí uma das importâncias da história social). Através de uma representação histórica do passado que a imagem nos pode transmitir, Burke nos diz da importância de se estudar esta mensagem visual:

Uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo, como o da impressão, por exemplo, o que um texto leva muito mais tempo para descrever de forma mais vaga.¹⁵

Nesse sentido Barbosa, afirma que para uma criança de seis anos as palavras *lata* e *bola* são muito semelhantes porque têm a mesma configuração gestáltica,¹⁶ isto é, uma letra alta, uma letra baixa. Só uma visualidade ativada pode, nesta idade, diferenciar as duas palavras pelo seu aspecto visual e esta capacidade de diferenciação visual é básica para a apreensão do código verbal que também é visual. Aprende-se a palavras visualizando. Isto nos faz pensar que será que as alfabetizadoras que utilizaram à cartilha “Caminho Suave” sabiam deste princípio? E a autora do Livro?

Para Panofsky (1892-1968), podemos distinguir três níveis de interpretação da imagem:

1- *Descrição pré-iconográfica* – identificação de objetos (como árvores, animais, prédios e pessoas) e eventos (refeições, batalhas etc), seria considerada uma descrição natural; 2- *Análise iconográfica* – Análise em sentido estrito (como reconhecer uma ceia como sendo a última ceia de Da Vinci), seria uma descrição convencional; 3- *Interpretação iconológica* – Seria uma descrição “intrínseca”, ou seja, os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, uma crença religiosa ou filosófica, por exemplo. É

¹⁵ BURKE, Peter. **Testemunha Ocular; História e Imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004, p. 101.

¹⁶ Cf. ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual: Psicologia da Visão Criadora**. São Paulo: Pioneira Edusp, 1980.

nesse nível que as imagens oferecem evidência útil para os historiadores culturais.¹⁷

A partir desta classificação, entendemos que tanto os termos “iconografia” e “iconologia” podem nos ajudar a analisar as imagens nas cartilhas de alfabetização, especificamente na cartilha Caminho Suave, devido o fato de nos fornecerem elementos que nos ajudem a interpretar de forma iconográfica e iconológica uma imagem.

A iconologia se difere da iconografia. Pois, seria um método de interpretação mais “subjetivo” da imagem, quando tentamos explicar representações através de seu contexto histórico, em relação a outros fenômenos culturais. Enquanto que, para a iconografia, cabe a analisar os elementos que compõem uma figura.

Na cartilha “Caminho Suave”, em uma das páginas, podemos constatar uma espécie de associação entre imagem e letra do alfabeto, ou seja, um método associativo de leitura imagética, onde a primeira letra de uma palavra do nosso vocabulário se associa a uma imagem representativa dela, com o intuito de alfabetizar o aluno. Cada página da cartilha contém uma figura de um animal e uma letra do nosso alfabeto, por exemplo: na página que tem a letra “S”, tem a figura de um sapo, pois a letra inicial de seu nome começa com “S” e assume contorno no corpo do sapo.

Portanto, neste caso, a linguagem verbal (escrita) e não-verbal (imagem ou visual) está presente nestas mensagens visuais, onde são importantes colaboradoras para o processo de alfabetização dos alunos que não sabem ler e escrever.

A cartilha Caminho Suave era uma das poucas cartilhas na história da educação que se preocupava com a visualidade física do seu material. Embora existissem autores que não se preocupavam muito com esse detalhe, era apenas uma forma de despertar interesse a um público que se via cercado por outras obras de alfabetização na época.¹⁸

Depois de analisarmos especificamente a cartilha Caminho Suave, entendemos que o saber docente pode estar relacionado ao fazer e ao saber da época em que as alfabetizadoras buscavam utilizar esta cartilha, pois Tardif¹⁹ nos fala que o saber é histórico, pois os modos de ensinar, o jeito de ensinar e os recursos pedagógicos

¹⁷ PANOFKY apud BURKE, Peter. **Testemunha Ocular; História e Imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004, p. 45.

¹⁸ Meados do século passado.

¹⁹ TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

utilizados foram influenciados durante as mudanças sociais ocorridas em toda a história da educação. Neste caso, a subjetividade das alfabetizadoras não se reduzia somente a vivência pessoal, mas às regras e às linguagens sociais que estruturavam e configuravam a experiência destas nos processos de comunicação e de interação escolar da época. Muitas delas ainda utilizam métodos vivenciados durante a época em que foram alfabetizadas.

Por fim, essa pesquisa visa analisar a cartilha Caminho Suave, bastante utilizada e difundida no estado de Minas Gerais durante anos a fio. Essa cartilha que traz no seu bojo a crença no método sintético que faz opção pelo processo silábico de alfabetização, cabe então explicitarmos o papel da imagem nessa cartilha. Procurar compreender a iconografia, que discute a análise e interpretação da imagem e, suas classificações, em seus mais diversos meios de proliferação nas cartilhas e impressos escolares, como recurso pedagógico de alfabetização, é apenas uma forma de tentarmos entender o seu uso e importância como meio didático e social e as escolhas das alfabetizadoras em utilizar tal cartilha como instrumento de alfabetização e, através disto, buscar auxiliar a constituir a história da alfabetização em Minas Gerais.

